

EDITORIAL

Com imensa alegria oferecemos a vocês leitores e leitoras a segunda parte do dossiê Religião e Música, organizado pelos professores Arnaldo Huff (UFJF), Carlos Eduardo Calvani (UFS) e Waldney Costa (UERN). São dez artigos cuja apresentação está consignada no editorial do dossiê, que vem a seguir, assinado por seus organizadores, a quem agradeço muitíssimo o trabalho conjunto que fez brotar esses dois últimos belos números da Revista.

Quanto à temática livre, no artigo ‘A volta dos que não foram!: Exercício hermenêutico psicanalítico à luz da parábola do Filho Pródigo’, Sidnei Vilmar Noé opera uma leitura da parábola bíblica recorrendo à psicanálise com vistas à evocação do conflituoso jogo psíquico manifesto na tríade de personagens que compõe o enredo, tanto quanto na nossa própria participação inconsciente na trama, como também em nossas possíveis elaborações conscientes a depender das identificações havidas com as personagens da parábola.

O segundo artigo trata da relação entre asilo e religião. No Brasil as antigas instituições asilares reconfiguram-se nos últimos anos sob a denominação de ‘Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPIs)’. O estudo de Ernani Neto explicita a mudança no perfil de tais instituições, bem como aponta para a importância e pertinência da oferta religiosa disponibilizada aos idosos e idosas e o desafio de tal oferta adequar-se a um contexto de pluralismo religioso.

Em ‘Perspectivas científicas sobre a natureza das experiências religiosas: um breve balanço sobre a produção acadêmica recente’, Alexandre Ben Rodrigues contata a existência de dois polos na produção científica contemporânea sobre a natureza da experiência religiosa: um polo reducionista e um não reducionista. Novos indícios empíricos trazidos por novas formas científicas de aproximação da experiência religiosa advindas sobretudo da neurociência, da psiquiatria, da biologia e da psicologia evolutiva, problematizam tanto quanto enriquecem e complexificam as polaridades reducionista e não reducionista.

Tendo como viés um enfoque antropológico do conceito de religião, Thiago Schellin de Mattos defende que a emergência de tal conceito se dá em contexto fortemente marcado pela tendência em se contrapor religião à modernidade. Operando apontamentos de ordem teórica e metodológica, o autor propõe a criação de um conceito que seja capaz de captar a transformação dos sentidos nos quais o elemento religioso se articula e se reproduz. Propõe um entendimento de tal elemento a partir de uma perspectiva relacional e criativa.

Em ‘Agenda de costumes em processos democráticos: uma análise de projetos de lei propostos de 1989 a 2020’, Terezinha Cabral, Cyntia Carolina e Esaú Castro propõem uma discussão do papel das bancadas evangélicas na Câmara Federal dos Deputados, tendo como pano de fundo a recolha e análise de 144 Projetos de Lei

propostos por tal bancada, entre os anos 1989 e 2020, projetos correspondentes na sua totalidade a uma pauta de costumes que inclui dispositivos como Criminalização do aborto, *Homeschooling*, Ideologia de Gênero e Estatuto da família e outros.

Em 'A fobia e o fascismo: uma leitura de Walter Benjamin à luz da Psicanálise', Patrick Almeida busca um campo de ressonâncias e solidariedades interpretativas entre a reflexão crítica de Walter Benjamin e a Psicanálise. A partir de Benjamin, busca-se um quadro sintomático referido à contradição capitalista entre meios técnicos e fins sociais, contradição que encontra na guerra sua resultante e perversa solução. Por sua vez, a partir da Psicanálise busca-se um quadro sintomático referido à psicopatologia da fobia conforme estabelecida no caso Hans, tanto na interpretação freudiana quanto na reinterpretação lacaniana.

Para finalizar a temática livre, o artigo de Gustavo Martins desenvolve a hipótese de que a utilização de um determinado conceito-mapa, no caso o monoteísmo, para a compreensão de um certo evento histórico, no caso o zoroastrismo, pode deturpar tanto o conceito quando o evento que pretende explicitar. O artigo mostra como o uso da concepção de monoteísmo judaico para a compreensão do zoroastrismo, produz um mapa inexato, mapa que diz mais respeito à fé do pesquisador monoteísta do que à história social do zoroastrismo.

Por fim, aproveito para expressar ao doutorando Felipe Souto meus sinceros agradecimentos por sua valiosa participação em todas as etapas de construção de mais este número da Numen.

Prof. Dr. Edson Fernando de Almeida